

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

LEONARDO ROCHA CABRAL

**ANALOGIA “SOBRE JEQUITIBAS E EUCALIPTOS” DE RUBEM ALVES FRENTE
AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO E SUAS MUDANÇAS.**

MATINHOS

2017

LEONARDO ROCHA CABRAL

**ANALOGIA “SOBRE JEQUITIBAS E EUCALIPTOS” DE RUBEM ALVES FRENTE
AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO E SUAS MUDANÇAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção da
especialização em A Questão Social na
perspectiva Interdisciplinar.
Universidade Federal do Paraná Setor litoral.

Orientadora: Prof.^a. Me. Lenir Maristela Silva.

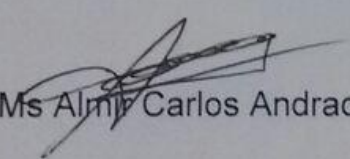
MATINHOS

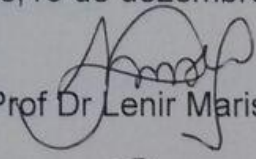
2017

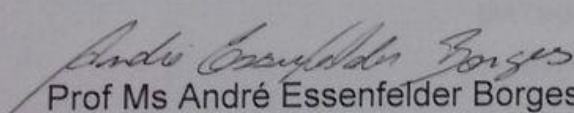
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

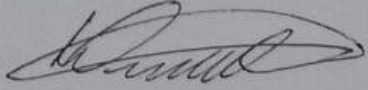
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador Prof Dr Lenir Maristela Silva, realizaram em 08 de março de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante LEONARDO ROCHA CABRAL, sob o título "ANALOGIA "SOBRE JEQUITIBAS E EUCALIPTOS" DE RUBEM ALVES FRENTE AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO E SUAS MUDANÇAS", sendo requisito parcial para obtenção do título de de Especialista no curso de Especialização *em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* da UFPR - Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito " APL ".

Matinhos, 16 de dezembro de 2017.


Prof Ms Almir Carlos Andrade


Prof Dr Lenir Maristela Silva


Prof Ms André Essenfelder Borges


Leonardo Rocha Cabral

Conceitos de aprovação
APL – Aprendizagem Plena
AS – Aprendizagem Suficiente

Conceito de reprovação
APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI – Aprendizagem Insuficiente

Observação:

Caso o(a) estudante seja orientado(a) reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso os requisitos apontados pela Banca Examinadora para o aceite final do trabalho

RESUMO

O presente estudo se move em direção a educação formal e hegemônica, que vem sendo questionada por muitos pensadores pela subjugação a interesses políticos e econômicos na atual conjuntura global, assim refletindo a lógica do mercado de trabalho, sendo uma extensão da ideologia e da ordem capitalista. Junto a isto por meio de uma ruptura ao clássico e conservador a partir da iniciativa de alguns pensadores aparecem novas propostas e concepções teóricas e metodológicas que percorrem outros caminhos para efetivação da prática pedagógica, de forma a integrar o indivíduo ao mundo e estabelecer uma consciência mais crítica, humana e solidária, orientada por outras formas de abordar o conhecimento e ensino, para que este não seja apenas um espectador da realidade, assim construindo oportunidades para as condições de uma educação libertadora e consciente. O objetivo deste estudo foi tentar explicitar através da analogia do texto “Sobre Jequitibas e Eucaliptos” um pouco da importância da educação emancipatória, como propostas de educação contra hegemônica podem ser uma ajuda ao enfrentamento da transformação social e visualizar quem são os Jequitibas e Eucaliptos dentro do paradigma da educação

Palavras-chave: Desenvolvimento integral; Educador; Paradigma

ABSTRACT

The present study moves towards formal and hegemonic education, which has been questioned by many thinkers by subjugating to political and economic interests in the current global context, thus reflecting the logic of the labor market, being an extension of the ideology and capitalist order. Along with this through a rupture with the classic and conservative from the initiative of some thinkers appear new proposals and theoretical and methodological conceptions that run other paths for the effectiveness of pedagogical practice, in order to integrate the individual to the world and establish a more conscious critical, humane and supportive, guided by other ways of approaching knowledge and teaching, so that it is not only a spectator of reality, thus constructing opportunities for the conditions of a liberating and conscious education. The objective of this study was to try to make explicit through the analogy of the text "On Jequitibas and Eucalyptus" a little of the importance of emancipatory education, as proposals of education against predominant can be an aid to the confrontation of social transformation and to visualize who are the Jequitibas and Eucalyptus within of the education paradigm

Keywords: Integral development; Educator; Paradigm

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
1.1	HISTÓRIA DE VIDA.....	8
2.	SOBRE JEQUITIBAS E EUCALIPTOS.....	11
3.	PARADIGMA HEGEMÔNICO DA EDUCAÇÃO.....	13
4.	EUCALIPTOS E A EDUCAÇÃO HEGEMÔNICA.....	16
5.	JEQUITIBAS E A EDUCAÇÃO CONTRA HEGEMONICA.....	20
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
7.	REFERÊNCIAS.....	28

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR

ANALOGIA “SOBRE JEQUITIBAS E EUCALIPTOS” DE RUBEM ALVES FRENTE
AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO E SUAS MUDANÇAS.

Leonardo Rocha¹

1 INTRODUÇÃO

Em uma das aulas do Curso de Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar dentro do módulo de Metodologia Ensino sendo o

facilitador e educador do módulo o Professo Valdo José Cavalet recebemos o texto “Sobre Jequitibás e eucaliptos” de Rubem Alves. Esse texto me mobilizou a refletir mais sobre educação, já que essa é a principal solução para o enfrentamento às questões sociais.

Lendo o texto somos levados a pensar sobre a concepção de homem e do seu futuro, sobre o seu agir no presente e suas consequências para o próximo no futuro, um discurso profundo e filosófico mas não tem uma linguagem rebuscada e acadêmica, pelo contrário, muito longe disto, o texto choca com a lógica tradicional dos métodos vigentes na academia brasileira, assim ler Rubem Alves é sempre um exercício de desconstrução de quase tudo que aprendemos, sempre me pego reproduzindo o pensamento dominante e percebo quanto sou condicionado a ser um opressor. Como o meu pensamento pode ser colonizado ou colonizador? Porque ainda sou tão influenciado e subjugado por quem se diz educar?. São perguntas que ficam martelando na cabeça, inquietando as ideias e a razão gerando uma irresistível curiosidade.

Eu fui fisgado por esta curiosidade. Como pode a educação ser um ponto tão importante para a Questão social, para a vivência humana e para o futuro de todos nós? Logo alcancei alguns livros como “O velho acordou menino” (ALVES, 2005) em seu capítulo “Eu Leonardo” discorre sobre Leonardo da Vinci um pintor, poeta, músico, arquiteto, médico, engenheiro, geólogo, biólogo todos estes conhecimentos dentro de uma mente universal um homem universal que dava asas a sua imaginação com uma visão ampla em harmonia com o mundo, ao final conclui que Leonardo da Vinci poderia conseguir um emprego em uma grande empresa capitalista como a IBM, porém não conseguiria permanecer em suas atividades, muito pela sua personalidade, currículo e por não ajudar na produtividade das empresas modernas, pois estas pessoas se dedicam primeiramente às atividades que lhes dão prazer estas às vezes não servem para o mundo dos lucros, por isso as escolas não podem educar Leonardos, para Alves as escolas deveriam buscar criar Leonardos da Vinci, porém não é possível na conjuntura moderna de educação, mesmo assim Leonardo ficaria desempregado por não conseguir se submeter ao controle de qualidade do pensamento, para Alves controlar a qualidade dos pensamentos era como cortar asas da imaginação a fim de que ele caminhe apenas ao ritmo dos motores institucionais, como faz a academia e as escolas tradicionais. Eu me identifiquei muito com este capítulo do livro porque mostra como as instituições de

educação privam a liberdade e a imaginação e as várias potencialidades humanas, por isso para Rubem Alves ao invés de cortar as asas, deveria existir um incessante incentivo ao voo, esta seria a tarefa da educação como podemos ver em sua crônica “Gaiolas ou Asas?”. A partir daí procurei mais textos, filmes e documentários virei um admirador da discussão sobre educação, um estudante qualquer, buscando conhecimento para poder entender melhor como as dinâmicas da educação são tão importantes para a Questão Social e consequentemente a sociedade, porém tudo começou com o texto “Sobre Jequitibas e Eucaliptos”. A partir desta leitura queria saber, onde surge os eucaliptos? Quais são as forças que os promovem? Como eles substituem os Jequitibás? onde estão os Jequitibás? Os jequitibas porque estão perdendo espaço para os Eucaliptos e como a relação teoria e prática na educação capitalista abre espaço para o surgimento de mais Eucaliptos do que Jequitibas? Claramente percebe-se que os eucaliptos fazem parte da educação formal hegemônica enraizada na sociedade competitiva onde vivemos já os Jequitibás se apresentam como alternativa e podem ser representados pela educação contra hegemônica. Por fim, visualizar algumas propostas educacionais contra hegemônica e a sua importância para o futuro da educação.

1.1 História de Vida

Foram várias as vezes que fui expulso de sala, suspenso de aula e foram muitas medidas disciplinares, nunca me achei em sala de aula, na verdade me encomodava, lembro que algumas matérias eram muito desinteressantes principalmente aquelas em que eu não conseguia aprender em sala mas aprendia com meu avô ou em seus livros em sua pequena biblioteca em um improvisado canto da sala. O problema maior era a matemática, que foi ao quadrado com a física que não aprendia em sala e com ninguém. O professor de matemática no primeiro ano sempre dizia abertamente em aula e em voz alta que eu adorava a escola, a galera, a zueira, o recreio mas não gostava de estudar e ficava entediado em sala. E ele tinha razão eu adorava o contato social que a escola proporcionava mas não podia falar o mesmo dos métodos de ensino, mas naquele momento ainda não compreendia estas implicações da vida. Contudo para fazer alguns cursos que eram pessoalmente muito importantes na minha caminhada anos depois, como parte do curso, teria que ser voluntário durante três meses em uma escola que

promovia uma pedagogia indiana desenvolvida pelo filósofo Pierre Ranja Sarkar denominada educação Neo Humanista oferecida pela Fundação Amurte - Amurtel na periferia de Porto Alegre – RS. O curso era de permacultura e eu teria que ser instrutor entre os alunos e multiplicador dentro das atividades nas diferentes aulas que eram coordenadas pelos professores da escola junto ao agrônomo contratado para ser responsável por módulos ligados as aulas fora de sala, no caso e em específico, as aulas de permacultura. Esta experiência mudou minha percepção sobre educação, eu me imaginei naqueles alunos e como eu queria ser aqueles alunos, saindo de sala várias vezes por semana ao invés de ficar trancado todos os dias em sala de aula. Saber como a lua modifica e permeia nossa vida em vários aspectos por meio de livros não é a mesma coisa que sair da sala e ter essa experiência com a aula de permacultura e aprender que a melhor época para plantar feijão por exemplo é na lua nova, assim trazendo as perspectivas de quem está em contato com o objeto de estudo. A técnica e arte da pesca artesanal podem muito bem ser expressa pelos conhecimentos locais e aplicados no âmbito escolar como por exemplo na visualização dos astros. Ninguém melhor para ensinar e repassar seu conhecimentos empíricos sobre a movimentação dos astros que um pescador, os alunos saem de barco se sentem muito mais motivados e emponderados com o conteúdo.

Através dessas experiências percebi o vácuo que existia quando era aluno entre educação, ciência e cultura. Neste momento um amigo e companheiro de trabalho me explicou sobre uma nova proposta de nível superior e sobre um curso de Agroecologia na Universidade Federal do Paraná no litoral do Paraná, pois a empolgação dele de prestar o vestibular nesta Universidade era muito grande, logo depois muito influenciado por ele, também prestei o vestibular para Serviço Social. Passei e me formei no ano de 2015, durante minha graduação tive a oportunidade de trabalhar em diversos projetos de extensão universitária como bolsista e voluntário enquanto me graduava, como por exemplo: “Cultura e Identidade Caiçara” em Guaratuba - PR; “Território Universidade” em Matinhos – PR;

Figura 01: Foto do Projeto de extensão Aguas de Março da UFPR - Litoral



Na foto, Heleno da Silva ao lado direito, ex- agricultor e desabrigado morador de Morretes – PR, junto aos estudantes da UFPR Litoral (Foto: Divulgação site UFPR Litoral, 2013)

A foto acima foi minha experiência mais significativa fora da sala de aula, com o Projeto de extensão “Águas de Março” que logo depois se transformou no “Observatório Social” na cidade de Morretes foi onde comecei meu trabalho de conclusão de curso participando das ações do projeto de extensão em diferentes frentes, a partir das experiências vividas com o coletivo do Projeto e moradores da cidade de Morretes, moradores esses atingidos por um acidente ambiental que os deixou mais de duzentas pessoas desabrigados e causando a morte de uma pessoa, fazendo com que várias famílias de agricultores se deslocassem para abrigos e casas permanentes no centro da cidade, causando diferentes problemas aos desabrigados, através das ações promovida pelo projeto de extensão tive a oportunidade de fazer meu estágio na cidade de Morretes podendo conciliar o Projeto de extensão, estágio e trabalho de conclusão de curso, uma experiência riquíssima. Através destas ações extra curriculares experimentei trabalhar com agricultura familiar, agricultores desalojados por desastres ambientais, Caiçaras e

Povos tradicionais, expanssão territorial irregular em áreas de vulnerabilidade social, educação ambiental e economia familiar, ou seja foram diversas as atividades extra curriculares que contribuíram em minha formação para a minha alegria. O Projeto Político da UFPR - Litoral vai muito além das minhas experiências e perspectivas mas vou tentar explicitar através da analogia de Rubem Alves um pouco da importância da proposta possibilitada pelo setor Litoral da Universidade Federal do Paraná em minhas considerações.

2 SOBRE JEQUITIBAS E EUCALIPTOS

A partir deste texto promovido pela Pós Graduação me inspirou e nele me respaldei para fazer o trabalho de conclusão de curso, trouxe uma parte do texto para tentar repassar ao leitor um pouco da perspectiva do autor quanto ao paradigma da educação.

Pra lhes dizer a verdade, não sei onde meu pai arranhou aquele almanaque, velharia do século passado, e que catalogava os municípios das Minas Gerais, um a um. Tenho de confessar que, igual àquele, ainda não vi outro, tão bem arranjado e consciente das coisas que deviam ser preservadas para a posteridade. Tanto assim que, além de exaltar as belezas do lugar (e que lugar é este que alguma beleza não possuir ?) e as excelências do clima, passava a descrever as excelências do povo, listando os vultos mais ilustres, a começar, como era de se esperar, pelos capitalistas, fazendeiros e donos de lojas, passando então aos médicos, boticários, bacharéis e sacerdotes, sem se esquecer, ainda que no fim, das mestres-escolas. Lá, bem no começo, seguindo a ordem alfabética, estava Boa Esperança, terra de meu pai, e ele ajeitou os óculos para ver se descobria naquele registro do passado a informação de algum antepassado ilustre, quem sabe alguma glória de que pudesse gabar ! E o dedo indicador foi percorrendo o rol dos importantes, um a um, pelo sobrenome, pois que de primeiro nome todas as memórias já tinham sido apagadas. Até que parou. Lá estava. Não podia haver dúvidas. O sobrenome era o mesmo: Espírito Santo. Profissão: Tropeiro? Isto mesmo. E, com a tropa de burros e o barulho imaginário dos sinos da madrinha, trilhas da serra de Boa Esperança que o Lamartine Babo cantou, foram-se também as esperanças de um passado glorioso. Que aconteceu aos tropeiros? Meu pai se consolou dizendo que, naquele tempo, tropeiro era dono de empresa de transportes. O fato entretanto, é que o tropeiro desapareceu ou se meteu para além da correria do mundo civilizado, onde a vida anda ao passo lento e tranqüilizante das batidas quaternárias dos cascos no chão ... E aí comecei a pensar sobre o destino de outras profissões que foram sumindo devagarinho. Nada parecido com aqueles que morrem de enfarte, assustando todo mundo. Aconteceu com elas o que acontece com aqueles velhinhos de quem a morte se esqueceu, e que vão aparecendo cada vez menos na rua, e vão encolhendo, mirrando, sumindo, lembrados de quando em vez pelos poucos amigos que lhes restam, até que todos morrem e o velhinho fica, esquecido de todos. E quando morre e o enterro passa, cada um olha para o outro e pergunta: "Mas, quem era este?" Não foi assim que aconteceu com aqueles médicos

de antigamente, sem especialização, que montavam a cavalo, atendiam parto, erisipela, prisão de ventre, pneumonia, se assentavam para o almoço, quando não ficavam para pernoitar, e depois eram padrinhos dos meninos e não tinham vergonha de acompanhar o enterro? Pra onde foram eles? Quem quer ser médicos como eles? Também o boticário, um dos homens mais ilustres e lidos da cidade, presença cívica certa ao lado do prefeito e do padre, pronto a discursar quando o bacharel faltava, tendo sempre uma frase em latim para ser citada na hora certa ... E o boticário fazia as suas poções, e a gente lavava, em água quente, os vidros vazios em que ele iria por os seus remédios. E me lembro também do tocador de realejo que desapareceu, eu penso, porque com o barulho que se faz nas cidades, não há ninguém que ouça as canções napolitanas que a maquineta tocava. E me lembro também do destino triste do caixeiro-viajante, cujo progressivo crepúsculo e irremediável solidão foram descritos por Arthur Miller, em *A Morte do Caxeiro-Viajante*. Foi o tema que me deram, a “formação do educador”, que me fez passar de tropeiros a caixeiros. Todas, profissões extintas ou em extinção. Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. Profissões e vocações são como plantas. Vicejam e florescem em nichos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e – quem sabe? – necessárias. Destruído esse habitat, a vida vai se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra até sumir. Com o, advento da indústria como poderia o artesão sobreviver? Foi transformado em operário de segunda classe, até morrer de desgosto e saudade. O mesmo com os tropeiros, que dependiam das trilhas estreitas e das solidões, que morreram quando o asfalto e o automóvel chegaram. Destino igualmente triste teve o boticário, sem recursos para sobreviver num mundo de remédios prontos. Foi devorado no banquete antropofágico das multinacionais. E os médicos-sacerdotes? Conseguiram sobreviver, em parte porque as pessoas ainda acreditavam nos chás, cataplasmas, emplastos, simpatias e rezas de comadres e curandeiras. Foi em parte isto que impediu que se amontoassem nos consultórios do único médico do vilarejo. Além disto, o tempo durava o dobro. Por outro lado, a ausência dos milagres técnicos fazia com que as soluções fossem mais rápidas e simples. Bem dizia a sabedoria popular: “O que não tem remédio, remediado está”. Também a morte era uma solução.

E o educador? Que terá acontecido com ele? Existirá ainda o nicho ecológico que torna possível a sua existência? Resta-lhe algum espaço? Será que alguém lhe concede a palavra ou lhe dá ouvidos? Merecerá sobreviver? Tem alguma função social ou econômica a desempenhar? Uma vez cortada a floresta virgem, tudo muda. É bem verdade que é possível plantar eucaliptos, essa raça sem-vergonha que cresce depressa, para substituir as velhas árvores seculares que ninguém viu nascer nem plantou. Pra certos gostos, fica até mais bonito: todos enfileirados, em permanente posição de sentido, preparados para o corte. E para o lucro. Acima de tudo, vão-se os mistérios, as sombras não penetradas e desconhecidas, os silêncios, os lugares ainda não visitados. O espaço se racionaliza sob a exigência da organização. Os ventos não mais serão cavalgados por espíritos misteriosos, porque todos eles só falarão de cifras, financiamentos e negócios. Que me entendam a analogia. Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: jequitibá e eucalipto, não é tudo árvore, madeira? No final, não dá tudo no mesmo? Não, não dá tudo no mesmo, porque cada árvore é a revelação de um habitat, cada uma delas tem cidadania num mundo específico. A primeira, no mundo do mistério, a segunda, no mundo da organização, das instituições, das finanças. Há árvores que têm uma personalidade, e os antigos acreditavam mesmo que possuíam uma alma. É aquela árvore, diferente de todas, que sentiu coisas que ninguém mais sentiu. Há outras

que são absolutamente idênticas umas às outras, que podem ser substituídas com rapidez e sem problemas. Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “história” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “história”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que administra. Por isto mesmo professores são entidades “descartáveis”, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos plásticos de café descartáveis. De educadores para professores realizamos o salto de pessoa para funções.

É doloroso mas é necessário reconhecer que o mundo mudou. As florestas foram abatidas. Em seu lugar, eucaliptos. A ética religiosa cristã clássica sempre foi muito clara ao indicar que a moralidade de uma ação se baseia na intenção. Em outras palavras, o que define a identidade da pessoa, sob o ponto de vista desta ética religiosa, não é o que ela objetivamente faz, mas antes suas disposições íntimas ... Com o advento do utilitarismo, entretanto, tudo se alterou. A pessoa passou a ser definida pela sua produção: a identidade é engolida pela função. E isto se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos ... A pessoa praticamente desaparece, reduzindo-se a um ponto imaginário em que várias funções são amarradas. É isto que eu quero dizer ao afirmar que o nicho ecológico mudou. O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. Frequentemente o educador é mau funcionário, porque o ritmo do mundo do educador não consegue o ritmo do mundo da instituição... Não dispomos de critérios para avaliar esta coisa imponderável a que se dá o nome de educação... E é aqui que se encontra o problema: se não dispomos sequer de critérios para pensar institucionalmente a educação, como pensar o educador? A formação do educador: não existirá aqui uma profunda contradição; Plantar carvalhos? Como, se já se decidiu que somente eucaliptos sobreviverão? Plantar tâmaras, para colher frutos daqui cem anos? Como, se já se decidiu que todos teremos de plantar abóboras, e serem colhidas daqui a seis meses?

O educador é um ausente. Nosso espaço funcional, gerenciado, torna possível falar sobre funcionários definidos pela instituição. Mas ele não permite que se fale sobre coisa alguma que se move num espaço definido pela liberdade. O educador tem assim, o estatuto de um conceito utópico, de existência prática proibida e, por isto mesmo, existência teórica impossível. E é por isto que as ciências silenciaram sobre ele (ALVES, 1980 p. 14).

3 PARADIGMA HEGEMÔNICO DA EDUCAÇÃO

A educação e o sistema de ensino vem sofrendo grandes críticas, muito impulsionadas pela forma passiva a como reagi e sofre influências frente ao avanço

do capitalismo neoliberal, principalmente quando as práticas pedagógicas fazem uma dicotomia entre homem – mundo, proporcionadas pelas fundamentações teóricas e práticas, costumes e regras que se refletem através da sociedade capitalista. Esta visão do caráter pedagógico direcionou vários estudos sobre a educação, no qual encontramos algumas correntes teóricas que defendem diferentes formas de aquisição do conhecimento e da relação teoria/prática.

TORRES (1997) em sua obra *Sociologia Política da Educação* nos remete a um conceito de desenvolvimento integral do ser humano em uma perspectiva libertadora em relação a educação, libertação da dominação, pois é impensável uma discussão da educação sem pôr a noção de dominação, pois também seja uma forma de resistência a dominação, assim em relação ao, o que é educar? Qual o poder social das práticas educativas na sociedade atual? Neste momento não tenho como não lembrar da importante frase do saudoso Darcy Ribeiro “a crise na educação do Brasil não é uma crise e sim um projeto” (DARCY, 1995) explica em seu livro sobre o povo brasileiro e em outras de suas obras como todo povo da América Latina são subjulgados e mantidos em um quadro de alienação e controle em massa muito em virtude dos planos educacionais impostos pelos países desenvolvidos que mantém a forma de educar dos povos latinos americanos ainda muito relacionado as necessidades das demandas econômicas mundiais, ainda muito influenciada pela visão educacional da ditadura militar que propagava uma visão extremamente tecnicista no qual a educação era estritamente voltada para a capacitação de mão de obra em dado momento em que se apresentava um anseio muito grande de desenvolvimento econômico no País, porém com o avanço do neoliberalismo hoje esta pressão por bons profissionais no mercado de trabalho e uma educação progressiva aumentou drasticamente.

O Paradigma que podemos fazer em torno da educação e o sistema de ensino nos remete a metáfora presente no trabalho “Conversas com quem gosta de ensinar” de Rubem Alves, em parte do texto ele discorre sobre “Jequitiba e Eucaliptos”, assim apresentando de certa forma o sistema de educação hegemonicos, educando e principalmente o educador como Eucalipto, formatado pela lógica da economica global, que por sua vez não leva em consideração os vários aspectos da vida humana, como um enraizamento da sociedade capitalista, limitando o ser em frações de conhecimentos, mas sempre se preocupando em formar excelentes profissionais para o mercado de trabalho assim alimentando o

sistema de mão de obra, consequentemente este educador reproduz a lógica capitalista, regras, costumes e determinados conhecimentos previamente estabelecidos aos seus alunos que ficam como eucaliptos em sala de aula, enfileirados prontos para bater continência assim tendo o seu comportamento e pensamentos meramente reproduzidos como uma monocultura artificialmente plantada de eucaliptos, destinada a render lucros.

(ALVES, 1980) Nos atenta para o fim de algumas profissões como de caxeiro viajante e faz a relação com o fim dos educadores, pois segundo ele está cada vez mais escasso e inibido e distingue educador de professor e ainda, cita que professores tem em milhares respondendo aos tambores institucionais e os interesses econômicos, pois professor é profissão, educador ao contrário é vocação, a vocação nasce de um amor de uma grande esperança ao próximo, e o autor continua a nos indagar. Será que o educador terá o mesmo fim que o artesão que virou operário? Tropeiros e boticários que desapareceram? e lança uma pergunta, o que terá acontecido com o educador?

A partir daí explicita que os educadores são como as velhas árvores que habitam em um mundo em que a relação que os liga aos alunos e a realidade que os cerca, este consegue ver entre as outras árvores em toda sua plenitude ver tudo amplamente da copa de sua árvore simbolizando o Jequitibá, como sendo a ruptura com esse aprisionamento, levando a ser a sua totalidade. Neste momento além do aumento, há os que defendem os Eucalipto e as metodologias formais hegemônicas que se focam principalmente em produzir mão de obra para a sociedade ocidental capitalista, gerando, refletindo e consolidando a desigualdade. Por outro lado diminuindo segundo o autor, os que defendem o Jequitibá, tentando fugir dos padrões impostos pela sociedade, tímido e inibido esperando o melhor momento para despertar enquanto vem sendo engolido ou transformados em eucaliptos.

Um trabalho que contribui muito para discussão da metáfora “ Sobre Jequitibas e Eucaliptos” e a “Águia e a galinha” de (BOFF, 1997), o autor descreve a condição humana, simbolizando a galinha como um enraizamento da sociedade, do cotidiano, limitando o ser em seu estado de libertação, e o símbolo da águia como sendo a ruptura com esse aprisionamento, levando a ser a sua totalidade como bem descreve em sua obra “Teologia da Libertação”. Dentro desse paradoxo temos os teóricos que defendem a *galinha*, tendo a educação como detentora da criatividade, sistematizada em disciplinas e metodologias científicas clássicas, e por

outro lado os que defendem a *águia*, tentando fugir dos padrões impostos pela sociedade, propositalmente para controle da própria organização social, estabelecendo novos parâmetros e sistemas educacionais que valorizem e priorizem o ser humano e seu desenvolvimento pessoal e social.

4 EUCALIPTOS E A EDUCAÇÃO HEGEMÔNICA

Na Europa no século passado, Pierre Bourdieu em seus trabalhos sociológicos reflete sobre o funcionamento da sociedade, principalmente visionada pela expansão das novas formas de dominação social, criadas pelo desenvolvimento do capitalismo. O seu olhar científico se abre as questões que investigam as mediações entre agentes sociais e a sociedade, revelando uma constante luta por imposição de valores em uma determinada cronologia para estabelecer o domínio de um determinado grupo de pessoas e demais grupos da esfera social, com o objetivo de consolidar a hegemonia econômica e ideológica do capital. E quando os novos assuntos abordados por Bourdieu representam uma aparente renovação para a sociologia, assim reatando os laços existentes entre capital e educação e o desenvolvimento de importantes estudos voltados a excelência escolar com métodos e análises mais elaboradas para época, outra inovação de suas técnicas se apresenta nos estudos das práticas sociais e ao consumo de bens de culturais a partir dos anos setenta, com a proposta de promover críticas e contestações as hierarquias sociais atento para o cotidiano social (BONNEWITZ, 2003, p. 87).

Os estudos de Bourdieu transparecem uma reflexão mais profunda das relações sociais entre indivíduo e sociedade, agregando o real sentido da função ideológica, alguma dessas ideologias eram como olhares distorcidos de uma realidade legitimada, já estabelecida por uma classe social construindo legal e arbitrariamente um sistema vigente e dominante, impondo explicitamente valores que cumpram seus objetivos maiores, consolidando e reproduzindo a desigualdade.(NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009)

Em estudos juntamente com Jean Claude Passearon, passam a criticar o sistema de ensino imposto, sendo ele o “carro chefe” de uma sociedade meritocrática. Passearon e Bourdieu publicam em 1970 “ A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino” onde descrevem o conceito de violência

simbólica, tentando desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como é natural as idéias sociais da classe dominante, assim o sistema de ensino era o primeiro passo para uma dominação em forma pedagógica. (CATANI, 2001, p. 21)

As relações de poder, nas sociedades humanas, contêm sempre uma dimensão de violência simbólica, ou seja, de imposição de um conjunto arbitrário de referentes culturais como saberes, linguagens, normas, valores, representações dos grupos dominantes como reforço da sua posição privilegiada. Essa legitimação, sustenta quatro proposições fundamentais, que organizam a obra: 1º - Qualquer ação pedagógica seja comunitária, familiar, religiosa, política ou especificamente educacional é uma violência simbólica; 2º - Qualquer ação pedagógica implica uma “autoridade pedagógica” ; 3º - Sendo produto das estruturas de poder, o trabalho pedagógico é orientado para a formação de um habitus o mais duradouro e transferível possível; 4º - Qualquer sistema educativo reproduz uma ação pedagógica institucionalizada, através da validade jurídica dos diplomas, especialistas sobre o trabalho pedagógico para iludir a violência simbólica e a sua dependência das relações de poder, a expansão dos sistemas educativos. O sistema educativo é, então, concebido como uma sequência de mecanismos legítimos de seleção que, consolidam na socialização os arbitrários escolares. A arbitrariedade constitui-se na apresentação da cultura dominante como cultura geral. O “poder arbitrário” é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente. Para os filhos das classes trabalhadoras, a escola representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural, ou seja, necessitam aprender novos padrões ou modelos de cultura. (BURDIE; PASSERON, 1970).

A reflexão da década de 1970 se baseou nas teorias sobre reprodução cultural, com a desmistificação da igualdade formal e a crítica à meritocracia da sociedade capitalista. Nas décadas seguintes, houve a possibilidade de mais ligações interdisciplinares entre sociologia, antropologia e psicologia, ampliando os referenciais teórico-metodológicos de análise. As investigações foram descentradas da escolarização e passaram a questionar as identidades e conhecimentos que embasam a razão educativa e os seus profissionais. Diferentes caminhos, afirmam a centralidade da educação em nossa cultura e abordam as alternativas em curso neste início de século XXI: por um lado, as políticas educacionais baseadas no

discurso neoliberal, que defende a privatização do empreendimento educacional e sua descentralização, buscando a transformação social. A utopia, por outro lado compreendida como representação simbólica importante e útil no caminho da perspectiva da mudança, diante da crise da escola e das questões sobre qual o seu papel no contexto da globalização. (TORRES, 2006 p.35)

A crítica mais sistemática e a elaborada a uma alternativa ao funcionalismo e a educação foi apresentada por vários acadêmicos da teoria da reprodução social, essa crítica não é apenas do neomarxismo, não só da teoria dos sistemas vinculados a Durkheim, mas também de um processo paralelo que se deu nos Estados Unidos com os grandes autores, Hebert Gintis, Michael Apple, Henry Giroux Samuel Bowles, Martim Carnoy e Henry Levin com a qual se denominou a Economia Política da Educação. Sem entrar em julgamento ainda se trata de uma teoria ou não, nesse enfoque teórico vincula-se as problemáticas de educação e mercado de trabalho com as problemáticas de educação e poder, educação e ideologia, e educação e cultura, sendo o problema central que a educação é capitalista porque reflete as dinâmicas do processo de acumulação capitalista que se dão no mercado de trabalho. (TORRES, 1997, p. 54)

Indispensável uma discussão da educação sem falar primeiramente sobre a noção de dominação, mesmo a educação sendo por ela mesma uma forma de dominação, contudo pode vir a ser uma forma de resistência a dominação, porém a ação educativa atravessa o íntimo da discussão do problema da dominação numa determinada sociedade. Junto a isto, simultaneamente o Estado em um pacto com a classe social dominante que estabelece classes sociais distintas, cria esta aliança entre a classe dominante, o Estado com um conjunto de instituições, rotinas organizacionais, leis e burocracia, é o responsável por implementar essa dominação. (TORRES, 1997, p. 44)

Porém deve se considerar em qualquer análise sobre a educação que a prática pedagógica também está embasada em um conceito de epistemologia, fundado neste conceito é que se desencadeia todas as ações docentes em sala de aula e fora dela: forma de ensinar, relacionamento com o aluno, maneiras de avaliar, etc. A pedagogia Tradicional caracteriza-se o ensino humanístico, sem relaciona-lo com a realidade do aluno, considerando como um ser passivo o professor é que detém todo o conhecimento nessa abordagem. O professor apresenta o conhecimento de forma pronta e acabada, utilizando um método que não possibilita o trabalho cooperativo ao contrário competitivo, visando o acúmulo de informações e

a perpetuação de um tipo de sociedade e cultura. Em relação à avaliação mede-se a quantidade e a exatidão de informações. A escola nessa abordagem como o professor é a agência sistematizadora e detentora do conhecimento. Essa pedagogia é também chamada diretiva e segundo Becker é a forma de aula e de professor que mais se encontra nas escolas. O professor que age de forma a apenas transmitir o conhecimento para o aluno o vê como uma tábula rasa, “numa visão epistemológica,” o sujeito é o conhecedor, o centro do conhecimento. O objeto é tudo que o sujeito não é (BECKER, 2001, p.16), como o sujeito é uma “folha em branco”, este não participa do processo enquanto sujeito ativo, ou seja, a explicação epistemológica que subjaz a essa prática, segundo Becker (2001, p.17) é o empirismo.

Consequentemente esta base epistemológica, cuja expressão mais imponente é o behaviorismo, teoria psicológica derivada da concepção empirista, que, livre da introspecção é fundada numa metodologia "materialista". O primeiro é, de fato, a tábula rasa e, por isso, a aprendizagem é identificada com condicionamento, esta corrente analisada por diferentes teóricos, é chamada de empirismo, nas palavras Giusta:

O conceito de aprendizagem emergiu das investigações empiristas em Psicologia, ou seja, de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo conhecimento provém da experiência. Isso significa afirmar o primado absoluto do objeto e considerar o sujeito como uma tábula rasa, uma cera mole, cujas impressões do mundo, formadas pelos órgãos dos sentidos, são associadas umas às outras, dando lugar ao conhecimento. O conhecimento é, portanto, uma cadeia de idéias atomisticamente formada a partir do registro dos fatos e se reduz a uma simples cópia do real (GIUSTA, 1985, p. 26):

Diante das tendências prejudiciais de uma sociedade crescentemente globalizada, apresenta-se como uma das formas de resistência a pedagogia da educação formal a pedagogia inspirada em Paulo Freire que trazem como idéias principais a conscientização, a educação libertadora e de qualidade, buscando educar para lutar “por dentro” da escola, enfatizando as relações entre educação e política, a atenção para a auto-reflexividade, para as bases lingüísticas sociais e culturais, para a necessidade de descobrir as mistificações ideológicas das representações sociais e a carga de opressão e dominação. A inspiração de uma epistemologia da curiosidade e do diálogo, que busca lidar com os dilemas éticos e cognitivos da condição humana que enfatizando as possibilidades da educação em

uma perspectiva de globalização contra-hegemônica, com teor emancipatório. Para isso, se faz necessário um novo contrato social, que inclua o Homem, os grupos sociais e a natureza, através de uma cidadania auto-determinada. Uma agenda educativa preocupada com a construção de uma educação democrática e de cidades educadoras informadas pela participação e pela democracia. (TORRES, 2006 p.178).

5 JEQUITIBAS E A EDUCAÇÃO CONTRA HEGEMONICA

No Brasil a contribuição de Paulo Freire para a educação no campo do currículo foi construída a partir da crítica a educação bancária hegemônica e no movimento pela formulação de uma nova concepção de educação a educação libertadora, que se apresenta como um processo pelo qual o educador convida os educandos a conhecer e reconhecer a realidade criticamente mediando o conhecimento, a educação bancária a qual se refere provem das teorias tradicionais de currículo presente na maioria das escolas, que compreende os estudantes como depósitos vazios a serem preenchidos por conteúdos do domínio exclusivo do professor, estimulados a memorizar conteúdos o estudante é entendido como alguém que não sabe de nada, sujeito a se adaptar e ajustar se á sociedade vigente, consequentemente a autonomia e a produção de conhecimento se perdem, com isso homens e mulheres vivem no mundo mais não existem. Freire critica a educação vigente que não permite a formação de uma consciência crítica, esta educação com o currículo mostra a falta de uma dicotomia entre homem-mundo, homem simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros, formando apenas homens espectadores e não recriadores do mundo (MENEZES; SANTIAGO, 2014 p.49) .

A primeira necessidade apontada a formação docente e saber que ensinar não é transferir conhecimento mas criar as possibilidades para a sua própria construção como ele deixa bem explícito no livro Pedagogia da Autonomia:

É preciso insistir: este saber é necessário ao professor, que ensinar não é transferir conhecimento, não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado e vivido. (FREIRE, 2004, p. 27).

O dever do professor é assegurar um ambiente dentro do qual os alunos possam reconhecer e refletir sobre suas próprias ideias em comparação as teorias apresentadas pelo professor, desenvolver o respeito pelos outros e a capacidade de dialogar é um dos aspectos fundamentais do pensamento Freiriano, assim o importante é que as crianças discutam suas ideias em todas as lições, pensar sobre as próprias ideias deixa os alunos conscientes de suas concepções. Encorajando estes a comparar suas concepções com o conhecimento científico aceito, sendo receptivo para ouvir e entender a forma como os alunos constroem e articulam e expressam seu conhecimento, nunca depreciar as informações trazidas pelo aluno, apoiar os alunos na expressão dos seus conceitos, contextualizar o ensino relacionado a realidade e experiências pessoais dos alunos para que este possa se reconhecer no aprendizado, mostrar que o conhecer implica em ser questionador e transformador da realidade que se esta inserido, encorajar os alunos a colocar os problemas em questão, conduzir a classe dentro de um processo democrático de aprendizagem e criticidade (FREIRE, 2001 p.34). Em um ensino para construção crítica do conhecimento deve haver: consciencia do que esta acontecendo ao redor (comunidade, cidade, sociedade, mundo) e revelar como a dominação e a opressão é reproduzida na escola; estimular o pensamento crítico; introduzir o dialogo crítico aos participantes; buscar respostas aos problemas levantados pelo grupo; tornar a aprendizagem importante socialmente para a melhor bem estar do coletivo, e por fim cada um deve fazer sua parte para uma sociedade mais justa. Para Paulo Freire é preciso considerar a realidade social que está pautada na trama das relações e das correlações de forças que formam a totalidade social, e preciso perceber as particularidades na totalidade, porque nenhum fato ou fenômeno se justifica por si mesmo, isolado do contexto social onde é gerado e se desenvolve.

O diálogo em Paulo Freire, favorece ao pensamento crítico problematizador das condições da vida humana onde a ação e reflexão estão dialéticamente estabelecida em um processo de praxis social, a liberdade de expressarem as ideias, o que pensam, por que pensam, em grupo provoca uma interação e o retratamento de diferentes concepções que promove um olhar crítico e problematizador da realidade, pressupõe Freire que a prática dialógica, mostra o sujeito desenvolvendo suas potencialidades e habilidades ao se comunicar interagir e construir o seu conhecimento. Assim o dialogo libertador é uma comunicação democrática, que invalida a dominação e reduz a obscuridade aos participantes por

terem a oportunidade de refazerem sua cultura, Para Freire o diálogo é construção teórica, atitude e prática pedagógica com fundamentos e conteúdo; portanto é uma categoria teórica (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p.52).

Para Freire, a libertação do homem oprimido, será possível mediante uma nova concepção de educação: a educação libertadora, aquela que vai remar na contra mão da dominação. Freire propõe abandonar a educação bancária, a qual transforma os homens em recipientes a serem preenchidos pelos que julgam educar, pois acredita que a educação cede a interesses da classe dominante que trata os homens como seres vazios e dependentes, ao contrario disso, buscou defender uma educação dos homens por meio da conscientização da desalienação e da problematização(LINHARES, 2006).

No que se refere ao processo pedagógico Paulo Freire é um dialético, como Vygotsky. Um princípio básico das obras dos dois autores é o da educação como uma prática ético-política. Conforme Gadotti:

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freireano, pode-se pelo menos dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik, em seu livro Pedagogia dialética, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica. Paulo Freire é um dialético. A educação é uma prática antropológica por natureza, portanto ético-política. Por essa razão, pode tornar-se uma prática libertadora. O tema da libertação é ao mesmo tempo cristão e marxista. O método utilizado é que é diferente, a estratégia é diferente. O fim é o mesmo. Seu pensamento é humanista e dialético. (GADOTTI, 2002, p.16)

Os teóricos que se encontram no movimento da epistemologia interacionista pelo Mundo como Vygotsky foram os primeiros a considerar a criança como ela própria, com seus processos e perspectivas e não um adulto em miniatura, porem os autores possuem uma abordagem diferente, entende que a aprendizagem não é uma mera aquisição de informações, não acontece a partir de uma simples associação de idéias armazenadas na memória, mas é um processo interno, ativo e interpessoal. Vygotsky enfatiza o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do individuo, a aquisição do conhecimento ocorre pelas interações do sujeito com o meio, sendo que este sujeito interage ativamente com o meio a partir de um processo denominado mediação, entende que as característica humanas se formam no percurso de vida do individuo, dentro de um espaço social,

sendo a linguagem um instrumento para viabilizar a comunicação, permitindo a vida em sociedade. (RABELLO, 2011).

A partir de uma visão diferente a teoria construcionista explicita que o desenvolvimento se constrói mediante, relações de trocas sociais, através de um processo interativo e mediativo. Para (NEVES, 2006) a teoria construcionista aborda uma concepção de epistemologia interacionista, que possui um ponto em comum: a ação do sujeito, tratada frequentemente como prática, colocada no interior do processo de aprendizagem.

Um bom exemplo de educação contra hegemônica são as escolas baseadas na educação neo humanista, já citada por mim no começo do estudo em minha história de vida. Ela procura redefinir a experiência humana a seres interdependentes interligados ao planeta e intimamente ligado ao tecido do universo, o despertar o desenvolvimento da personalidade humana junto aos seus princípios de ética como a veracidade, solidariedade intimamente ligados a aspectos ambientais e harmoniosos para a administração dos recursos do nosso planeta, por isso os alimentos em preferência são orgânicos para não alimentar a cadeia de produção de alimentos que destrói o planeta e prejudica os animais, nas escolas não é consumida carne de origem animal pelo seu princípio espiritual de desenvolvimento físico, mental e espiritual, leva em consideração que o consumo de carne faz mal a essas três esferas do ser humano (SARKAR, 2001). O Colégio Sol nascente em Belmiro Braga - MG baseado na educação neo humanista da qual fui voluntário durante seis meses no ano de 2009 destaque – se também pela valorização da cultura própria de cada lugar mas o enfoque das aulas fora de sala, aulas de yoga e meditação e o papel do educador como exemplo social, junto a responsabilidade de servir aos demais tendo a ciência e o conhecimento dedicados ao serviço e ao bem estar de todos faz com que a educação neo humanista esteja presente em mais de trinta e dois países com mais de quatrocentas unidades pelo mundo buscando desenvolver todas as potencialidades do ser humano além do despertar da consciência com a todos os seres vivos do planeta, por isso trás um enfoque do novo humanismo que se preocupa não só com a condição humana e sim com a natureza, seres vivos e toda cadeia complexa presente no universo.

Em São Paulo se encontra a escola municipal de ensino fundamental Desembargador Amorim Lima. Referência no País a escola foi premiada com o prêmio cultura viva se tornando mais um ponto de cultura na cidade de São Paulo,

dando destaque a ênfase as aulas ao ar livre, salas multisseriadas, roteiros de estudo flexível, pois na gestão de atividades culturais, o aluno tem autonomia, com tempo para a pesquisa e não havendo provas se firma como ponto de inovação de educação alternativa. Com boas notas no índice de desenvolvimento da escola básica e com alunos premiados em olimpíadas nacionais de matemática e física, frequentemente passando para Universidades federais renomadas escolas técnicas, a fila por vaga na escola em algumas turmas ultrapassa oitocentos alunos. Inspirado no modelo de educação da escola da Ponte em Portugal. Na década de setenta a instituição portuguesa pôs em prática um projeto pedagógico conhecido como “escola democrática”, conceito criado pelo pedagogo francês Celestin Freinet, fonte da qual bebeu construtivistas brasileiros como Paulo Freire. Outra escola de São Paulo que também recebeu influência da escola da Ponte e do seu fundador José Pacheco é o Projeto Ancora onde os alunos planejam e analisam seu roteiro de estudo e podem propor oficinas de aprendizagem (ROGÈRIO, 2005). Um trabalho de Rubem Alves que nos ajuda muito a absorver as idéias e conhecer a escola da Ponte é “A escola com quem sempre sonhei sem imaginar que pude se existir” (ALVES, 2005). Nela o autor desdobra a história da escola da Ponte, seu surgimento o contexto histórico e político além de contar um pouco da metodologia e do fundador do projeto José Pacheco dentre outros assuntos.

Em Maceio - Alagoas a Escola Criar e Recrear não tem o propósito apenas de formar alunos e ajuda los a compreender o conhecimento mas acima de tudo criar cidadãos com autonomia para interagir com o meio de forma responsável e construtiva, deixando bem claro que seu projeto pedagógico é Sócio – interacionista, teoria criada por Piaget e complementada por Vygotsky que trouxe o aluno para o processo de ensino-aprendizagem como bem explicita Delane Medeiro Valente na Proposta de Projeto Pedagógico (VALENTE, 2010).

A UFPR Litoral, onde realizei minha graduação em Serviço Social e faço essa especialização, desenvolve um Projeto Político Pedagógico emancipatório, cuja proposta é a única inovadora no ensino superior no Brasil, procura realizar uma educação contra-hegemônica também. A UFPR litoral, visa o desenvolvimento integral do ser humano, trazendo uma nova perspectiva de mudança da realidade local no litoral paranaense, focando em projetos de alunos e de professores que buscam promover uma mudança através da problematização e imersão do indivíduo acadêmico na realidade local através da sua proposta de PA (projetos de

aprendizagem) e com as ICHS (interações culturais humanísticas). Esta última atividade em especial tem a liberdade de desenvolver oficinas de aprendizagem de temas livres que surge de acordo com a vontade de professores e alunos com a participação da comunidade local, articulando varios conhecimentos em uma só atividade com varias ciências coexistindo como geometria, música, culinária, física, história, cultura, química como nas oficinas de Maracatu ou Capoeira, Nessas oficinas de conhecimento necessita-se da construção dos instrumentos que envolvem por exemplo: geometria, música, história e outros aspectos.

Todas as atividades são articuladas por alunos de diferentes cursos, professores de diferentes áreas e pessoas da comunidade local, e assim adiante, as disciplinas dispostas em uma forma transdisciplinar obtendo uma única realidade objetiva dispostas a intervir de forma mais humana e crítica na sociedade que os cerca, considerando o individuo como co-construtor desta realidade local e global e não sendo mero expectador no processo de aprendizagem se libertando da dominação e dos padrões impostos pela sociedade vigente.

A compreenssão dos Projetos de Aprendizagens (PA) dentro do papel da educação no desenvolvimento dos seres humanos e seu papel historico social, são identificadas e compartilhada por Vigotsky e Freire, ambas se baseiam no desenvolvimento integral do indivíduo, no enfoque construtivista, na importancia do contexto social, na firme crença na natureza dos seres humanos, no processo de aprendizagem que deve ser mediado pelo professor visando atingir os alvos desejados, esses alvos devem convergir com o desenvolvimento integral do ser humano, com visão do sujeito protagonista da sua história e a interação do sujeito socio-histórico inserido na realidade em que ele vive. Afinal o diálogo libertador de Paulo Freire e o diálogo como base do conhecimento social de Vygotsky são movimentos presentes nas práticas do PPP da UFPR-Litoral. Vygotsky também fala da valorização do meio, quando o conhecimento ocorre nas interações do sujeito com o meio que o cerca, como Freire fala que a realidade local deveria ser valorizada, problematizada, entendida e modificada.

Destaca-se, principalmente, o papel do educador “Jequitibás” sendo apresentado como “Mediador” do processo de construção do conhecimento, como é para as teorias construcionalista tanto como é para UFPR - Litoral. Com isso a UFPR - Litoral com suas atividades consegue alcançar, tanto as perspectivas pedagógicas de Paulo Freire quanto a teoria socio interacionalista de Vygotsky.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema educacional vigente deve ir ao encontro de novas propostas pedagógicas que promova também o desenvolvimento humano de uma maneira mais ampla e integral, onde o ensino e aprendizado seja mútuo entre alunos e educadores, restabelecendo o diálogo no aprendizado e a consciência crítica, o aluno não pode ser um vasilhame de informação a ser preenchido e espectador da realidade, vivendo mais não existindo, a espera de serem preenchidos de conhecimento por quem julga educar, como uma folha em branco pronta para ser formatada de acordo com interesses particulares do sistema, impondo regras e disciplinas a serem seguidas. Precisamos ir além da visão pedagógica diretiva, pois estes como já vimos quase sempre servem para dominação, alienação política, utilizando desta política de educação para manter um quadro de seres não pensantes enraizados no cotidiano e limitando o ser em sua potencialidade, e o pior não desenvolvem integralmente o ser humano, se preocupando em especial e apenas em formar profissionais capacitados para o mercado de trabalho.

Nota-se a necessidade de uma ampla discussão no cenário da educação, que a bastante tempo sofre uma grande influência da conjuntura político econômica capitalista, que fragmenta o homem e o separa de aspectos culturais e históricos, tornando-se impossível uma conclusão mais objetiva do futuro da educação. A partir daí conseguimos perceber a necessidade do enfoque da educação contra hegemônica e desta perspectiva mais humana, emancipatória e libertadora do aluno e do educador diante a visão atual de educação, a opressão da lógica do capital gerou a criação de novas concepções que levam em considerações aspectos mais sociais, humanos, ético e políticos na prática da educação elevando esta a um quadro de transformação social, rompendo com a lógica capitalista da educação hegemônica.

Por fim percebemos que na educação os Eucaliptos reproduzem na verdade o sistema capitalista, regras e costumes que consolidam a desigualdade, crescem se sobrepondo aos Jequitibas a medida que o capitalismo neoliberal avança e a partir da sua relação teoria e prática que não considera o indivíduo centro do processo de aprendizagem e sim os alunos uma tabua rasa pronta a ser moldada pela educação hegemônica. Por outro lado os Jequitibas podem ser identificados pelos que participam da educação contra hegemônica tentando romper com a

educação atual, suas novas propostas consideram o desenvolvimento integral do ser humano não apenas um profissional alienado ao mercado mas sim o ser em sua plenitude, empoderado, crítico de sua realidade, que através da educação consegue mudar sua comunidade.

Contudo ainda não se sabe ao certo sobre o futuro da educação levando em consideração a expansão do capitalismo e da educação hegemônica, conseqüentemente gerando uma dúvida instigante quanto a como iremos enfrentar esta ferramenta que consolida os valores e costumes do capital, por isso é de muita importância as propostas contra Hegemonica, pois além de se mobilizar para o desenvolvimento mais pleno e integral do ser humano e também um espaço político e social para a mudança da sociedade podendo até ser de grande ajuda para o enfrentamento da Questão Social.

Por isso se considerarmos Bourdieu e Torres a educação atual promove e consolida a desigualdade por vários motivos. Sendo a desigualdade e a pobreza expressões máximas da Questão social que se deriva da relação capital trabalho na sociedade capitalista, sendo que o lucro combustível do capitalismo é obtido através da mais valia usurpada do trabalhador em um processo de exploração causando desigualdade e pobreza, e como vimos a educação hegemônica promove e consolida esse quadro social. Por isso podemos concluir que qualquer proposta de educação que tentar não reproduzir e consolidar o sistema capitalista e promover valores mais humanos e sociais, pontuar a educação para o bem estar coletivo como ponderava Vygotsky e Freire e tantas outras propostas contra hegemônica da educação, essas poderão ser vista como uma ajuda ao enfrentamento da Questão Social.

Assim conseguimos concluir que dentro da analogia entre a produção de “eucaliptos” e “jequitibás” através do paradigma atual da educação de Rubem Alves fez com que conseguíssemos perceber a importância da ruptura ao já programado e instaurado pelos que julgam “transmitir” conhecimento para poder experimentar algo novo que pode se transformar e se modificar para além do tradicional.

Como sinalizei já há muitos sinais de mudança como na universidade e nas escolas de educação básica. Que essa mudança evolua se transforme e inspire novos modelos que rompam com a lógica capitalista competitiva e priorizem o desenvolvimento social e integral do ser humano e não subtrai os educandos e os

educadores a serem meros “eucaliptos” reproduzindo o que está previamente estabelecido pela ordem social dominante.

Para finalizar lembro me da frase de (Sarkar, 2001) que da sentido a minha formação na Graduação e a escolha de tema no trabalho da Pós Graduação

“ A mais nobre forma de Serviço Social é educar e criar um sentido de consciência. Este sentido é para ser interiorizado em casa ser humano. Este é o nosso dever”

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo. Cortez Editora, 1980.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pude se existir**. Ed. N° 7. São Paulo. Editora: Papirus, 2005.

ALVES, Rubem. **O velho acordou menino**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BOFF, Leonardo. **A águia e a Galinha**. Petrópolis – RJ: editora Vozes, 1997.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CATANI, Afrânio Mendes. **Pierre Bourdieu: As leituras de sua obra no campo educacional brasileiro**. In: Tura (Org.) *Sociologia para educadores*, Rio de Janeiro: Quatet, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. 2ªed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Aprender, ensinar. Um olhar sobre Paulo Freire**. Abceducatio. V 3, p. 66-20, 2002.

GIUSTA, A. Da S. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas**. In: Educ. Belo Horizonte, v.1, 1985.

LINHARES, Luciano L. **Paulo Freire: por uma educação libertadora e humanista**. Dissertação de Mestrado, PUC-PR, 2006.

MENEZES, G. M & SANTIAGO, M. E. **Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico emancipatório**. Pro-Posições, V.25, 3ªn. São Paulo, 2014.

NEVES, R. A. E DAMIANI, M. F. **Vygotsky e as Teorias de Aprendizagem**. UNIrevista. Vol 1 nº 2, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice , NOGUEIRA, Claudio Martins M. **Bourdieu & Educação**, 3ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

RABELLO, E. T. E PASSOS, J. C. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. São Paulo, 2011. Disponível em www.josesilveira.com acessado em 22 de junho de 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras. 1995

ROGÉRIO, C. **Uma escola diferente**. Ed. N° 143. Revista Crescer Educação. São Paulo, 2005.

SARKAR. P. R. **Neo-humanismo Ecologia e Espiritualidade e Expansão Mental**. Editora: Ver Curiosidades, v1, 2001. Tradução: Mahadevii & Pradiip Deva.

TORRES, Carlos Alberto. **Sociologia Política da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

TORRES, Carlos Alberto. **Educação crítica e utopia – perspectivas para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 2006

VALENTE, D. M. **Proposta de Projeto Pedagógico Escola Criar e Recrear**. 2010. Disponível em: < <http://www.criarerecrear.com.br/sistema-criar-de-ensino> >. Acesso: 27. Nov. 2017.